

Vodu, a resistência negra no Haiti

*Marcela de Oliveira Santos Silva¹
Bruna Baliza dos Santos Doimo²*

RESUMO:

Em 2010, um grave terremoto atingiu o Haiti, fazendo com o que o país caribenho se tornasse manchete por todo mundo. A tragédia gerou solidariedade, mas trouxe à tona muitos estereótipos que ficaram evidentes em reportagem sensacionalista que lotaram a imprensa. Entre um dos tópicos que foi levantado na ocasião foi sobre o Vodou, religião comum na região, que é peça fundamental da história nacional, mas que foi e ainda é estigmatizada. É justamente sobre esse importante componente da história haitiana que este artigo pretende se debruçar. Nosso objetivo é debater o Vodou não pelo seu prisma religioso, mas seu papel político, que, no caso haitiano, foi uma das bases fundantes para o processo de independência nacional. Discutiremos a trajetória dessa prática religiosa do período colonial, passando pela Revolução haitiana e chegando até os dias atuais (2010).

Palavras-chave: Religião; Vodou; Haiti; Política.

Voodoo, the black resistance in Haiti

ABSTRACT:

In 2010, a serious earthquake hit Haiti, making the caribbean country headlines around the world. The tragedy generated solidarity, but it brought to the surface many stereotypes that were evident in sensationalist reports that filled the press. Among one of the topics that was raised on the occasion was about Voodoo, a common religion in the region, which is a fundamental piece of national history, but which was and still is stigmatized. It is precisely this important component of Haitian history that this article intends to focus on. Our objective is to debate Vodou not through its religious prism, but through its political role, which, in the Haitian case, was one of the foundations for the process of national independence. We will discuss the trajectory of this religious practice from the colonial period, through the Haitian Revolution and reaching the present day (2010).

Keywords: Religion; Voodoo; Haiti, Politics.

¹ Graduada em História na UFRRJ, mestra em História na UFRRJ, cursa doutorado em História na UFRRJ. E-mail: marcela.oliveir@yahoo.com.br

² Graduada em História na UFRRJ, mestra em História na UFRRJ. E-mail: bbdoimo@yahoo.com.br

Introdução

Nas obras *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (2002), *Economia e Sociedade* (2000), *Ética econômica das religiões mundiais* (2016), bem como em outras obras em menor grau, Max Weber dedicou-se em compreender o fenômeno religioso paralelamente à economia. Partindo da compreensão dos fenômenos humanos como processos, afastou-se da noção evolucionista de história. Assim, Weber propôs a análise do processo de racionalização da civilização ocidental contrariando o positivismo histórico do século XIX, que postulava a racionalização como produto do Iluminismo, entendendo que os períodos anteriores foram incapazes de uma ação racional. Para o sociólogo alemão, por mais primitivo que fosse o homem, ele poderia ser subjetivamente racional. Ou seja, toda manifestação humana em qualquer tempo e espaço partia da racionalização das ações sociais, sejam elas tradicionais, racionais ou afetivas.

A proposta de Max Weber foi abarcar a racionalização nas esferas da economia, moral e tecnicidade, bem como de outras esferas do comportamento humano aparentemente menos racionalizáveis como a sexualidade, a música e a religião. Weber, diferente de Émile Durkheim, não partiu da análise de sociedades “primitivas”, mas sim, da sociedade moderna e de religiões complexas como o judaísmo, budismo, islamismo e podemos inserir nessa análise o vodu. Segundo o sociólogo, a religião é um elemento fundamental que forma *a priori* um modelo racional e metódico. Esse processo deu-se pela transação do pensamento religioso em detrimento do abandono das práticas mágicas. Ao dar lugar a um quadro administrativo, a burocratização das práticas religiosas de forma a estabelecer mecanismos de dominação na sociedade ocidental: controle moral, sexual, econômico e outros. Por fim, a racionalização do pensamento religioso é mais um processo de *desencantamento do mundo*, pois é possível compreender a ação social, uma vez que estabelece algum tipo de comunicação com a sociedade.

A partir dessa linha de pensamento, da racionalização da religião, este presente trabalho tem como objetivo abordar o Vodu não apenas como uma religião tradicional africana, mas como um projeto político na Revolução Haitiana, fazendo uma breve análise do papel do Vodu no processo da Independência em 1804 e com isso evidenciar a perseguição religiosa que os praticantes dessa religião sofreram e ainda sofrem.

Vodu, uma forma de resistência

Segundo Renel Prospere e Alfredo Gentini, um dos processos da colonização consistia na alienação cultural, religiosa e étnica dos negros. Proibiam-se os cultos africanos, e os negros eram obrigados a aceitar a religião cristã por meio do batismo. Nessa conjuntura, o Vodu haitiano representava uma forma de resistência africana perante o sistema escravista branco. Laënnec Hurbon, citado por Prospere e Gentini, classifica o Vodu como a primeira forma de resistência contra a escravidão:

Essa resistência se fez justamente sobre a base das crenças antepassadas. Desde os navios negreiros, pelo suicídio, pela greve de fome, pela recusa de medicamentos, o vento da revolta começou a soprar: os negros deixavam os corpos aos brancos e iam reunir-se no mundo de seus avôs. Não vamos levantar o número das rebeliões registradas desde o início do tráfico. Nosso objetivo agora é simplesmente recordar como o Vodou foi à primeira forma de resistência contra a escravidão. Os historiadores costumam designar pelo termo *Marronage* (os Quilombos brasileiros) a fuga dos escravos das plantações de cana e oficinas, para lugares inacessíveis onde reconstituíam a solidariedade étnica, recriavam suas tradições antepassadas e redescobriam a unidade espiritual para melhor afrontar os senhores brancos. É aí, nessas comunidades de resistência, que se constrói a consciência da autonomia política e cultural dos escravos. Nessa época, o Vodou é a religião que realiza a coesão dos escravos, impelindo-os à luta contra o domínio dos brancos. (HURBON, 1987, p.67 *apud* PROSPERI; GENTINI, 2013, p. 65).

No trecho supracitado, o Vodou aparece como uma reação à exploração que ocorria nos cativeiros e ao poder imperialista. Nessa perspectiva, o Vodou deve ser lido e interpretado como uma resistência ao processo de colonização, em específico, a escravidão imposta pelos colonizadores.

Ao constatar o potencial que a prática do Vodou oferecia para a resistência dos negros à escravidão, a Igreja Católica começa a difundir que tal prática era algo desonroso, e passa a realizar campanhas antissupersticiosas, a chamada operação de limpeza. (SANTOS, 2010). Os padres se reportavam ao Vodou como “macaquice indigna de um povo civilizado”, além de satanizar e demonizar essa prática religiosa e tudo que era usado supersticiosamente.

As nações europeias argumentavam que assumiram uma responsabilidade de tutela sobre os colonizados. A colonização foi dita como um mecanismo para uma “boa modernização”, uma ação “filantrópica” por aqueles da “raça superior europeia” destinada àqueles de “raça inferior africana”. Nesse discurso, é evidente a presença do ideal de inferioridade do indivíduo negro africano engendrado desde o navio negreiro. Os negros africanos são encarados como inferiores; são classificados como *naturalmente* incapazes, inconsequentes e incultos e, numa escala hierárquica, estão muito abaixo do suprasumo branco europeu. Mas, como bem explicitou Aimé Césaire, a relação metrópole e colônia não era de tutela. “Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas.” (CÉSAIRE, 1978, p. 25)

O navio negreiro dá os alicerces da ideia de hierarquização entre pessoas de pele branca e pessoas de pele negra. Noção esta que será trabalhada, defendida e propagada ao longo dos séculos. Os africanos, tidos como inferiores, são vistos como passíveis de serem escravizados sem qualquer dificuldade. Mais do que isso, a escravidão, muitas vezes, foi alegada como *benéfica* para os africanos, pois os afasta de seu meio de origem (“bárbaro”, “profano”, “pagão”, “infel”, “primitivo” e outros) e os insere em um universo perpassado por ideias, crenças e valores de origem europeia, por tanto, superiores.

Essa argumentação de inferioridade foi estendida às diversas religiões africanas, dentre elas, o Vodou. A Igreja caracterizou-se por sua prática repressiva e perseguidora do Vodou no Haiti. Eles diziam que iriam tirar o país do domínio de Satã e colocá-lo no padrão da civilização, alegando-se a superioridade europeia com base em elementos religiosos, e isso possui reverberações até os dias atuais. As religiões africanas prosseguem sendo negativamente taxadas de *animistas*, *pagãs* e *politeístas*, típicas de populações atrasadas. Essa lógica está implícita de uma antiga formulação de monoteísmo = civilização, politeísmo = barbárie e selvageria, ou mais específico, monoteísmo cristão = civilização, politeísmo/paganismo = barbárie e selvageria. Isso deu a tônica das colonizações na África, América e Ásia, como bem disse Aimé Césaire (1978), mas trata-se de uma noção dual tão antiga quanto o próprio Cristianismo.

O Vodou, caracterizado como uma religião das classes populares do país, era visto pela Igreja a partir de um dualismo ocidental em que de um lado encontra-se Deus, a religião cristã e do outro lado encontra-se o Demônio, a religião pagã, nesse caso, o Vodou. O termo paganismo era empregado com o intuito de desvalorizar, desqualificar e hierarquizar, assumindo posição inferior em uma escala comparativa, de forma consciente ou não.

Se o Vodou era um elemento no qual os negros reagiam ao sistema escravocrata, combatê-lo por meio do catolicismo era uma das principais estratégias dos colonizadores. A partir da crença da inferioridade racial dos negros, os colonizadores acreditavam na assimilação cultural dos valores ocidentais como forma de desconstruir e combater a identidade do negro. Mas, ao contrário do que pensavam, os escravos utilizaram e interpretaram os ritos católicos à maneira de sua própria religião. (SANTOS, 2010).

De acordo com Prospero e Gentini (2013), essa tentativa de a Igreja Católica impor aos negros descendentes de africanos o Deus “branco” e até mesmo a alma “branca”, em vez de libertar, acabou alienando. Dizem eles, “[a igreja católica] não se deu conta que estava mergulhando em várias contradições com sua mensagem. A Igreja Católica no Haiti, de certa forma, perdeu-se em seus equívocos ideológicos, pois cometeu uma violência abominável contra o povo haitiano ao tentar desenraizá-lo de suas crenças e impor aos dominados a religião dos dominantes. (PROSPERI; GENTINI, 2013, p.77).

A operação de limpeza que a Igreja Católica tentou implantar, segundo Prospero e Gentini (2013), foi um fracasso, pois o Vodou voltou, com mais efervescência após a campanha, em todo o território haitiano. Apesar disso, a ação antissupersticiosas não desapareceu completamente no espírito da pequena elite haitiana e nem no conjunto do clero da Igreja Católica.

Em sua análise, Prospero e Gentini (2013) destacam que o Vodou representa dois lados. Por um lado, como religião e cultura comum às camadas populares, ele é caracterizado pela elite como superstição primitiva, simultaneamente seus adeptos, na maioria das vezes, são explorados pelas classes dominantes. Mas, por outro lado, ele é usado pela população mais vulnerável como um instrumento de luta contra essa situação que é imposta. “Por isso, o Vodou pode ser considerado como um elemento crucial na formação da população haitiana, especialmente os camponeses, mas não somente, na luta contra a pobreza e a miséria. Vale a pena ressaltar que

no Vodou pode-se encontrar uma experiência religiosa autêntica, uma linguagem culturalmente válida, na qual seus adeptos estão sempre neste contínuo movimento de compreender e dar sentido ao mundo e à existência da vida.” (PROSPERI; GENTINI, 2013, p.76).

Assim, apontam os autores, apropriando-se do conceito de “dialeção social” de Bastide, que o Vodou é a linguagem pela qual se espelham as situações locais e também da diáspora. Nele, as camadas exploradas da população haitiana buscarão encontrar “um lugar de invulnerabilidade” em relação aos seus exploradores. (PROSPERI; GENTINI, 2013, p.76).

Vodou na Independência Haitiana

O processo histórico que desencadeou na Independência do Haiti, em 1804, foi marcado pela resistência negra que tinha como um dos seus principais instrumentos a prática religiosa do Vodou. Falar do Vodou no Haiti é, necessariamente, falar da figura de Makandal. Em 1757, Makandal, que foi um escravo originário do Guiné, assumiu o comando de um bando fugitivo, partindo da crença do Vodou sobre comprometimento, propagou entre seus seguidores a certeza de que, para findar a escravidão, era necessário empenho político mediante um pacto de confiança e ética que alicerçam essa religião.

Em 1791, sob o comando de Dutty Boukman, uma cerimônia de Vodou, no país, unificou os negros com o intuito de lutar pela independência contra o colonizador. Eles fixaram um pacto de sangue, onde todos se comprometeram com a luta pela libertação do país, liquidando os brancos, para assim criar uma sociedade autônoma. Na história do Haiti, essa cerimônia é considerada o ato fundador da revolução e da guerra pela independência, que foi a primeira grande revolta dos escravos contra o sistema da escravidão. (PROSPERI; GENTINI, 2013).

Em 1793, devido às rebeliões praticadas pelos negros escravizados no território do Haiti, o governo colonial declarou o fim da escravidão. Isso não interrompeu as rebeliões negras no país, pois os negros queriam mais do que o fim da escravidão, queriam liberdade, lutavam pela autonomia e a retirada dos colonizadores do território haitiano. (SANTOS, 2010). A década posterior foi caracterizada por intensas rebeliões e, por muitas vezes, a derrota do exército colonial. Em 1803, a última tropa francesa deixa o território haitiano, e, em 1804, sob a comando de Toussaint L'Ouverture, o povo Haitiano conquista a sua sonhada independência.

Laennec Hurdon destaca o papel do Vodou no movimento de Independência. “Além do aparecimento de profetas e heróis que levarão os negros a vitória, em 1804, é preciso, sobretudo, notar que, para os escravos, o vodou significou, desde cedo, linguagem própria, a consciência de sua diferença em relação ao mundo dos senhores, a força que aguçar a sua capacidade de luta.” (HURBON, 1987, p. 68 *apud* SANTOS, 2010, *on-line*).

O Haiti foi local de uma revolução racial onde os ditos inferiores pelo mundo europeu conseguiram inverter a situação sobre o opressor. Os colonizadores eram incrédulos que essa hierarquia racial, sob a qual se justificava a dominação e exploração dos povos não ocidentais,

pudesse ser subvertida e tentaram, a todo modo, esconder e/ou ocultar por muito tempo a história da revolução negra haitiana. (SANTOS, 2010). Quando surge como nação, o Haiti parece a negação de todos os pressupostos do mundo vigente. (BAPTISTA, 2007).

Como bem disse Emir Sader,

A revolução haitiana foi o maior movimento negro de rebeldia contra a exploração e a dominação colonial das Américas. Mesmo com o assassinato de Toussaint L'Ouverture pelos franceses - que haviam substituído os decadentes espanhóis como colonizadores da ilha -, a revolução triunfou e fez realidade, contra a França, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. A abolição da escravidão, não contemplada pelos revolucionários de 1789, foi conquistada pelos 'jacobinos negros' do Haiti. (SADER, 2004, sp).

A Independência do Haiti influenciou bastante outras colônias latino-americanas para que dessem início a um processo de libertação, aumentando ainda mais a importância desse acontecimento. (CORRÊA, 2005). É exatamente por isso que tentaram ocultar esse processo. Segundo a concepção colonizadora, o Haiti representava um péssimo exemplo para as demais colônias.

O Vodou no pós-Independência

Segundo Paulo Gustavo Corrêa (2005), entre 1804 e 1820, o Haiti passou por uma fase "fundacional", onde a estrutura colonial é desestruturada. Práticas culturais de origem africana são estimuladas na construção de uma nova identidade.

Entretanto, a Independência não significou uma aceitação do Vodou, pois ele permaneceu condenado pelo sistema político. Os haitianos que resistiram à colonização conseguiram reverter a ordem política, mas isso não culminou numa mudança da ideologia dominante que foi, durante muito tempo, forçada pelos brancos. Apesar de a maioria dos haitianos permanecerem praticando o Vodou, foi interiorizado um imaginário social de que essa crença religiosa era de grau inferior, e que o ocidente, e suas práticas, eram a personificação do desenvolvimento e da civilidade. (SANTOS, 2010).

Gentini e Prospere (2013) afirmam que o Vodou continuava sendo perseguido e discriminado pelo sistema político pós-Independência em decorrência de dois motivos. O primeiro seria a certeza dos chefes de Estado de que era necessário apresentar que a primeira república negra nascia compatível as sociedades civilizadas. O segundo seria que o Vodou tinha potencialidades políticas que poderiam gerar práticas ditas suspeitas.

Em 1860, o governo independente do Haiti, por influência dos valores civilizatórios europeus que permeava o imaginário social, assinou uma concordata com o Vaticano que estabelecia no país uma fé cristã e a luta contra o Vodou. Esse acordo tinha como objetivo alavancar o país a "civilização, o oposto da barbárie e da sua superstição representadas pela

africanidade radical dos haitianos.” (HURBON, 1987, p. 70 *apud* SANTOS, 2010, *on-line*). Essa concordata permitia que qualquer delito de superstição ou qualquer ato contrário à ortodoxia da Igreja Católica fosse punido. Praticar o Vodou era considerado um ato fora da lei, não que antes fosse diferente.

Para Jaqueline Lima Santos (2010), o povo haitiano antes e depois da Independência encontra-se em um paradoxo. Esse paradoxo era a existência de uma consciência da libertação frente à violência colonial, ao mesmo tempo em que se assimilam elementos ideológicos da ex-metropólie. Nessa lógica, os haitianos conseguiram uma libertação física, mas não ideológica, a que estavam dependentes, e que inferiorizava seus valores culturais em detrimento da valorização da cultura ocidental. “O que podemos responder é que a missão civilizadora da Igreja Católica colocou o Haiti em um mar de contradições. O Vodou no Haiti foi violentado de tal forma que se tornou uma prática religiosa alimentada por uma população imersa na contradição, pois ao mesmo tempo que persistem em sua existência e praticam essa religião, carregam a vergonha e o estigma que foi colocado sobre a mesma pela ideologia colonizadora.” (SANTOS, 2010, *on-line*).

O Vodou, no decorrer da história, foi reconhecido pelo seu papel subversivo da ordem estabelecida. Foi exatamente na contradição perante a Igreja Católica que ele se recriou frente aos mecanismos de opressão, encontrou instrumentos de sobrevivência por meio das práticas dos que viam no catolicismo formas de reinterpretar os rituais e valores religiosos do Vodou. Jaqueline Santos (2010) vê como surpreendente a sobrevivência do Vodou no Haiti, mesmo diante de tanta repressão. Ele chegou ao país sob o signo da perseguição e, mesmo assim, foi uma forma de resistência utilizada pelos negros no confronto com os brancos.

No Haiti pós-Independência, assim como em todos os países colonizados, o poder estava interligado à ideia de desenvolvimento e civilidade, palavras que representavam as sociedades brancas, europeias e ocidentais. Pela ideologia colonial; tudo que não fazia parte desse padrão era visto e entendido como atrasado, primitivo e bárbaro. A Igreja Católica foi uma das grandes responsáveis pela naturalização dessas ideias por meio das suas pregações religiosas. O haitiano, ao assimilar esse prisma de mundo, quando assume o poder, coloca em prática uma forma de governar muito parecida ao do colonizador, coibindo seus valores próprios e tradições culturais coloniais, impedindo assim a sua completa libertação. (SANTOS, 2010). O que reforça a ideia que houve uma libertação física, porém, a ideologia, em grande parte, continuava sob o jugo colonizador.

Entretanto, na história do Haiti também houve aqueles que se negavam a esse processo de alienação, e, por muitas vezes, clamaram as tradições africanas como uma tentativa de salvar o país. (PROSPERI; GENTINI, 2013).

O Vodou no Haiti contemporâneo

A perseguição e satanização do Vodou é algo que ainda permanece nos dias atuais. Um exemplo disso foi a repercussão em torno do terremoto que ocorreu no Haiti em 12 de janeiro

de 2010. Um tremor de 7 pontos na escala Richter atingiu o país, causando a morte de mais 300 mil pessoas e deixando mais 300 mil feridos. (EXAME, 2010).

Após o desastre natural, os meios de comunicação de todo o mundo passaram a cobrir os acontecimentos no país. ONGs internacionais, instituições religiosas, a Organização das Nações Unidas e exércitos de diferentes países mobilizaram-se para ajudar nas buscas, no atendimento à população e na reorganização do Haiti.

Grande parte da imprensa abordou de forma sensacionalista a situação no país caribenho, explorando imagens de pessoas em situações precárias, de mortos espalhados pelas ruas e escombros, do desespero do povo haitiano. Nos canais de televisão houve debates de todos os tipos sobre a situação do Haiti, muitos fizeram um resgate histórico do país e reforçavam sua condição de país mais pobre das Américas. (SANTOS, 2010). As manchetes que anunciavam o acontecimento, na maioria das vezes, faziam referência a sua situação econômica e o seu passado de escravidão:

Como se não bastasse a triste realidade do país mais pobre das Américas, da nação mais miserável de todo o hemisfério ocidental, a cólera, a história de escravidão e ditaduras, como se não bastasse tudo isso, o Haiti foi nocauteado por um devastador terremoto em janeiro de 2010. As imagens não cessam de chocar: edifícios históricos em ruínas, pessoas esqueléticas que nem sequer conseguem chorar, diante de casas que não mais existem, corpos amontoados e retorcidos, tratados sem qualquer dignidade. (TOUEG, 2017, *on-line*)³

Além disso, polêmicas em torno desse acontecimento foram geradas. Uma delas refere-se à declaração do pastor norte-americano Pat Robertson,⁴ dono do canal *Christian Broadcasting Network*, que atribuiu o terremoto no Haiti a um “pacto com o Diabo” que setores da população teriam feito para que o país se tornasse independente da França. Em um programa televisivo, dois dias após o terremoto, ele declarou que, “Eles estavam sob o domínio francês. Você sabe, Napoleão III, ou o que for. Então eles se juntaram e selaram um pacto com o Diabo. Disseram: ‘Vamos servi-lo se você nos tornar livres dos franceses.’ É uma história verdadeira. Então, o Diabo disse: ‘ok, negócio fechado.’ Então eles chutaram os franceses. Os haitianos se revoltaram e conseguiram se libertar.” (2010, 0:10-0:35).

Robertson afirmou que a consequência desse pacto foi “a maldição” sobre os haitianos e as catástrofes que atingem o país desde a sua Independência, em 1804. Segundo o mesmo, desde tal data, sua população é vítima de maldições. “Desde então eles têm sido amaldiçoados com uma coisa após outra, desesperadamente pobres. A ilha de Hispânica é uma ilha cortada ao meio, de um lado o Haiti e do outro a República Dominicana. República Dominicana é

³ A matéria escrita por Gabriel Toueg foi, inicialmente, publicada no *Jornal Estadão* (2012), *on-line*, em um especial sobre os dois anos do terremoto que atingiu o Haiti. Infelizmente, o texto integral da reportagem não estava mais disponível no momento da publicação desse artigo. Entretanto, o trecho que citamos aqui foi recriado pelo seu autor em seu blog (*on-line*).

⁴ Marion Gordon Pat Robertson, pastor pentecostal, advogado e ex-candidato à presidência da República dos Estados Unidos. Apresenta o programa *Clube 700*, fundou a rede de televisão TBN, *Christian Broadcasting Network* e a *Christian Coalization*.

próspera, saudável, cheia de hotéis e ect. E o Haiti está em uma pobreza desesperada, mesma ilha. Eles precisam, e temos que rezar por eles, se voltar para Deus. E dessa tragédia, estou otimista que algo bom possa vir.” (2021, 0:36-1:09).

Imediatamente, foram feitas várias críticas a essa declaração, a assessoria da Casa Branca, diferentes comentaristas de jornais, entre outros, condenaram a atitude de Robertson. O editor de uma coluna religiosa do “Washington Post”, David Waters, classificou como “vergonhoso” alguém propor que Deus ou as pessoas pobres do Haiti tenham alguma culpa com as causas da tragédia. Contudo, toda polêmica gerada não mudou a opinião de Robertson, que por meio do seu porta-voz, Chris Roslan, disse que as polêmicas palavras se referiam aos rituais de Vodou que eram praticados na ilha por escravos, e “não à ira de Deus”. (G1, 2010).

A declaração do pastor parte de pressupostos religiosos do cristianismo, protestante e católico. Muitos adeptos dessas denominações não estão abertos a reconhecer outras formas de crenças, colocando suas doutrinas como o único caminho possível e verdadeiro, praticando assim a intolerância religiosa. Esse foi o *modus operandi* que a Igreja lidou com as religiões não cristãs em países que foram colonizados pelo mundo ocidental.

Para Rosa Maria Gody Silveira (2010), a intolerância religiosa pode até causar espanto, mas vários conflitos e guerras violentas foram e ainda são travados em nome de uma determinada crença religiosa ou de outra, mas isso não é apenas uma questão de cunho religioso. “Este é um problema extremamente complexo porque tais confrontos, costumeiramente, não carregam motivações exclusivamente religiosas, mas a estas se somam razões de ordem econômica, social, política, cultural, variáveis a cada experiência histórica.” (SILVEIRA, 2010, p.5).

Segundo Jaqueline Santos (2010), qualquer problema que a sociedade haitiana enfrente, seja ele de ordem natural, social e econômica, é visto pelas instituições cristãs como um problema causado pelo Vodou, assim como acontece em outros países em que diversas dificuldades vivenciadas pelas pessoas são ligadas às religiões de matriz africana. Isso é uma forma de ocultar os problemas sociais, entre outros, que atingem o país.

Mais uma vez o profano, o mal, os demônios da visão de mundo ocidental associados ao Vodou o culpabiliza por um problema que não é seu, mas de ordem da natureza, o terremoto. Mais uma vez a intolerância, o preconceito e a discriminação religiosa são utilizados para encobrir os reais problemas existentes no Haiti, é utilizada para alimentar as mentes daqueles que não consegue ver outras formas de vivenciar o mundo que não seja a sua e alienar a mente daqueles que estão sendo violentados simbolicamente pelos valores civilizatórios europeus. Mais uma vez o diabo e os demônios são responsáveis por todos os males que afetam a humanidade, e não a exploração do capital, as relações de poder, o racismo, as invasões e etc. (SANTOS, 2010, *on-line*).

O Vodou é uma religião diferente do catolicismo e das demais religiões que se encontram no Haiti, e é deveras um equívoco colocá-lo como responsável por diversos problemas vividos

no país, sob a justificativa de que seus praticantes estão longe dos caminhos de “Deus”- que é apenas o das religiões monoteístas e ocidentais-, e por isso, sofrem com tantas dificuldades e misérias. Pode-se classificar esse processo como a alienação do povo diante das verdadeiras causas das contradições sociais, econômicas e políticas existentes no país. Colocar a culpa no Vodou por problemas do qual ele não é o causador, significa tirar a culpa dos verdadeiros causadores: as relações de exploração, a colonização europeia e a norte-americana, passada e nos dias atuais, com a suposta recolonização do país em nome da “ajuda humanitária”. (SANTOS, 2010, *on-line*).

Conclusão

A história do Haiti, primeira república negra das Américas, subverteu a lógica dos colonizadores sobre a inferioridade racial dos negros, era impensável⁵ que “estes seriam capazes de lutar pela sua liberdade, derrotar o exército francês e construir uma nação independente”. (SANTOS, 2010, *on-line*). O processo que culminou na Independência do Haiti, em 1804, é motivo de orgulho para a diáspora africana.

O Vodou como religião principal, no Haiti, foi crucial para o processo de resistência que se inicia no Navio Negro. Por meio do Vodou, os negros haitianos tomaram consciência do abismo que existia entre eles e os colonizados e da necessidade de se libertar e formar uma nação independente. Nessa luta pela sobrevivência como seres humanos, o Vodou foi fundamental para superar todo aquele sofrimento imposto pelo colonizador. (PROSPERI; GENTINI, 2013).

O seu caráter revolucionário implicou que o Vodou fosse historicamente perseguido pelas instâncias políticas e religiosas. A intolerância religiosa, no Haiti, foi exercida pelas instituições católicas e protestantes no decorrer de todos esses séculos. Essa perseguição “criou estigmas sobre o Vodou, violentando simbolicamente a identidade de seus praticantes”. (SANTOS, 2010, *on-line*). A Igreja disseminava por meio de seus discursos religiosos uma ideologia que condenava o Vodou à vergonha, atraso e incivilidade, aquela lógica de inferiorizar os negros e suas práticas. Segundo Jaqueline Santos, um dos maiores problemas do Haiti foi a violência simbólica implantada pelos colonizadores.

Talvez um dos maiores problemas do povo haitiano após a Independência foi não se libertar exatamente dessa violência simbólica que condenava suas tradições culturais. Embora tenham tomado o poder, muitos desses estigmas implantados pelo colonizador no imaginário social continuaram permeando as relações de poder e condenando o povo do país a civilidade ocidental. A colonização implantou mais que uma violência física, mas uma violência simbólica da qual se vivencia suas consequências até hoje nos territórios que passaram por essa experiência. (SANTOS, 2010, *on-line*).

⁵ O conceito de “impensabilidade” da Revolução Haitiana é analisado por Dale Tomich (2009) em seu artigo “Pensando o ‘impensável’: Victor Schoelcher e o Haiti”.

Mesmo perante toda conjuntura contrária, o Vodou encontrou mecanismos de sobrevivência e seus praticantes foram obstinados na luta pela manutenção dos seus rituais e crenças religiosas.

Tentou-se e tentam negar a história da revolução negra haitiana; era imaginável e proibido propagar sobre os negros que derrotaram o exército ocidental. Tudo foi feito para apagar esse episódio da história e destruir as perspectivas haitianas de uma nação livre e independente.⁶

Com a Independência, o Haiti se deparou com diversas dificuldades, como o embargo político, ocupação americana, imposições do imperialismo internacional, exploração de seus recursos naturais por grandes potências, guerra civil, invasões e até mesmo a presença das tropas brasileiras em seu território. Manobras para tirar a autonomia do povo haitiano, e, na maioria das vezes, sob a justificativa de ocupar o território para ajudar a reorganizar o país que se encontra sob o jugo da desordem. (PROSPERI; GENTINI, 2013)

Essas intervenções no Haiti são grandes responsáveis pela situação que o país se encontra, o mundo ocidental sustenta uma ideologia que busca esconder o peso que a colonização teve. (SANTOS, 2010). Prova disso é a declaração do pastor norte-americano Pat Robertson, onde todas as mazelas são derivadas da religião, e com base nesse argumento esconde-se a exploração feita pelos países ocidentais. Oculta-se as causas de suas condições miseráveis, a história de vitórias e triunfos, tudo com o objetivo de acabar com a identidade do povo haitiano. Mas, apesar de tudo, a luta e resistência que foram organizadas pelos negros naquele país são experiência que têm inspirado as ações da diáspora africana.

Referências

BAPTISTA, J. R. C. O Haiti e os discursos de construção nacional: Os dilemas de uma nação constituída entre a França Negra e a África Americana. *In: Seminário Internacional Fábrica de Idéias: 10 anos de existência*, 2007, Salvador. *Fábrica de Idéias: 10 anos de Experiência*, 2007.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CORRÊA, P. G. P. Haiti: História, crise e intervenção. **OREAL – Observatório das Relações Estados Unidos – América Latina – Observação da conjuntura**, v. 1, p. 1-5, 2005.

NA TV, pastor norte-americano atribui terremoto no Haiti a ‘pacto com o diabo’, **G1**, Mundo, 14 de jan. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1447829-5602,00-NA+TV+PASTOR+NORTEAMERICANO+ATRIBUI+TERREMOTO+NO+HAITI+A+PACTO+COM+O+DIABO.html>. Acesso em: 20 jun. 2010.

PROSPERI, R.; GENTINI, A.M. O Vodou no universo simbólico haitiano. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v.11, n. 1, p. 73- 81, jan./jun. 2013.

⁶ Os motivos que levam a essa ocultação da história de Independência do Haiti é amplamente analisado por Dale Tomich (2019) em seu artigo “Pensando o “Impensável”: Victor Schoelcher e o Haiti”.

ROBERTSON, Pat. **Pat Robertson - O Terremoto No Haiti e o Pacto com o Diabo**, **Youtube**, 02 de fev. de 2021, 01:14 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v5cMekollCY>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

SADER, Emir, A grande Revolução negra, Rio de Janeiro: **Jornal do Brasil**, 4 de Janeiro, 2004.

SANTOS, J.L. O Vodou e a Resistência Negra no Haiti. **Portal Geledes**, 15 de abr. de 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-vodu-e-resistencia-negra-haiti/>. Acesso em: 01 maio 2021.

SEREZA, Haroldo C., Pastor americano atribui terremoto a ‘pacto com o Diabo’ e provoca protestos; país se libertou da França em 1804, São Paulo: **UOL Notícias**, 14 de jan. de 2010. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2010/01/14/ult1859u2259.jhtm?action=print>. Acesso em: 01 maio 2021.

SILVEIRA, R. M. G. **Diversidade Religiosa**, 2010, Disponível em http://dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03_rosa2_diversidade_religiosa.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.

<https://gabrieltoueg.com/2017/01/12/do-estadao-sete-anos-depois-daquela-terrivel-terremoto-no-haiti/>

TERREMOTO que matou 300 mil no Haiti faz 10-anos. **Exame**, Mundo, 12 de jan. de 2020. Disponível em: <https://exame.com/mundo/terremoto-que-matou-300-mil-no-haiti-faz-10-anos/>. Acesso em: 05 maio 2021.

TOMICICH, Dale, Pensando o “impensável”: Victor Schoelcher e o Haiti. **Mana**, 15. Jg., Nr. 1, S. 183-212, 2009.

TOUEG, Gabriel, [Do Estadão] Sete anos depois daquele terrível terremoto no Haiti, **Gabriel Toueg**, Jornalismo, 12 de jan. de 2017. Disponível em: <https://gabrieltoueg.com/2017/01/12/do-estadao-sete-anos-depois-daquela-terrivel-terremoto-no-haiti/>. Acesso em: 01 maio 2021.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora UnB, 2000. v. 1.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo. Editora Martin Claret: 2002, 223 p.

WEBER, Max. *Ética econômica das religiões mundiais*: ensaios comparados de sociologia da religião. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.